

IRMÃ MARIA CASAS,  
SUPERIORA DO EDUCANDÁRIO GONÇALVES DE ARAÚJO,  
ONDE AÍDA ESTUDOU, DÁ ENTREVISTA  
AO “DIÁRIO DA NOITE”.

(Reportagem exibida no jornal “DIÁRIO DA NOITE”, no dia 25 de março de 1959.)

Irmã Maria achava-se na Espanha quando se verificou o homicídio do edifício Rio-Nobre. Por isto, naquela ocasião, não pôde ser ouvida. Mas quando ontem comentamos com ela as infâmias que se vêm assacando contra a sua ex-aluna para denegrir-lhe a memória e amparar os assassinos, Irmã Maria não se negou a responder a tudo que lhe perguntamos.

- Sofri um abalo muito grande, diz-nos ela, quando, na Espanha, soube da morte de Aída Curi. Nove anos seguidos tivemos-la conosco, aqui neste colégio, onde conquistou muito mais do que a estima que uma aluna geralmente conquista dos seus mestres. De fato, ela soube fazer-se amar por todas nós, quer pelo seu comportamento, a sua urbanidade e aplicação aos estudos, quer pela sua piedade. E o que lhe encareço é que Aída pode ter sido vítima de uma cilada, no episódio que redundou na sua morte.

Há tempos, e na ausência de Irmã Maria, já estivéramos no Educandário Gonçalves de Araújo, ouvindo freiras e condiscípulas de Aída. Do que então nos foi asseverado, obtivemos, agora, plena confirmação da Superiora:

- Essa menina jamais nos deu motivo de queixa. Não era, note bem, um temperamento esquivo, ou doentio. Ao contrário: era alegre e expansiva, embora modesta. Foi ótima estudante, sob qualquer ponto de vista. Moral muito elevada, o que é mais. Tanto assim que ganhou todos os prêmios que o Educandário distribui e ainda um, excepcional.

Foi aluna-modelo, em todos os sentidos.

- Acredita – perguntamos – que no pouco tempo em que viveu depois de terminado o curso no colégio, pudesse haver mudado a ponto de perder todas as qualidades que a senhora menciona?

#### CHEGOU A PENSAR EM SER FREIRA

- Não. Não posso acreditar em tal coisa, pelo seguinte: mesmo depois de haver deixado o educandário, Aída sempre nos visitou. Confessava-se e comungava constantemente. Tinha grande devoção a Nossa Senhora, e, mais de uma vez, nos disse que, não fosse por sua mãe, iria fazer-se freira. E peço a sua atenção justamente para isto: Aída se preocupava muito com dona Jamila, sua mãe. Tinha extremos de amor pela genitora. Quando ainda nossa aluna, não se cansava de dizer que o seu empenho em instruir-se era oriundo do desejo de poder trabalhar para ajudar a família. Seus pensamentos, por isso mesmo, estavam sempre em Nossa Senhora e dona Jamila.

- Acredita que só por seu amor à genitora é que não tenha ingressado num convento, como noviça?

- Deve ter sido isto.

- A senhora afirmou que Aída deve ter sido arrastada a uma cilada. Pode explicar melhor por que pensa deste modo?

- O que me faz acreditar numa cilada advém, justamente, do que conheço do caráter de Aída. Ela não era uma menina da qual se pudesse esperar atitudes censuráveis. Mesmo depois de ter saído do colégio, até no vestir era modesta. E seu recato nada tinha de artificial. Não era, também, menina tola, isto não. Aqui, educamos as moças para viverem “lá fora”. Embora internas, elas têm contato constante com a família, com o meio externo. Algum tempo antes de sofrer o que sofreu, conversando sobre os riscos a que uma jovem está sujeita numa grande cidade, Aída declarou à própria mãe: “não tenha receio de coisa alguma, nada acontecerá comigo. Mas se algum dia acontecer, ninguém tocará no meu corpo”. O marido de uma professora de Aída Curi, a seu turno, chegou a dizer dela, certa feita, já mesmo depois de a menina ter concluído o curso: “nos tempos atuais, é quase impossível acreditar haja no mundo uma menina como Aída”, referindo-se, justamente, aos seus modos e ao seu caráter. Ora, uma criatura assim só poderia ter sido ludibriada, ou vítima, então, de coisa pior, para subir a um apartamento em companhia de gente mal-intencionada. E o que mais reforça esta maneira de pensar está na reação que ela teve, comprovada pelas sevícias de que foi

vítima, e pelo fato de ter morrido pura, conforme o demonstram os exames de corpo de delito e os laudos periciais.

### CABE À IMPRENSA LUTAR PELA VERDADE

Perguntamos à Superiora de que maneira considerava o procedimento de Ione, que conduziu Aída a Cássio e a Ronaldo.

- Não me cabe falar sobre Ione. Não a conheço. À imprensa é que compete lutar pela verdade, a fim de que se faça justiça.

Insistimos, mencionando a circunstância de Ione haver sido afastada misteriosamente do processo. Lembramos-lhe a possibilidade de Ione – matrona quase quarentona, mascarada de estudante, ser mesmo a chave de tudo. Falamos-lhe da hipótese de Ione haver enganado Aída, apresentando-lhe Ronaldo como sendo seu parente, etc., mas irmã Maria Casas apenas adverte:

- Os implicados no caso é que devem dizer toda a verdade. Eles é que precisam ser induzidos a contar o que de fato se passou. Quem pode levá-los a tanto é a Justiça. A mim, quando muito, o que posso é depor sobre aquela que foi nossa aluna.

### DEUS JÁ JULGOU OS ASSASSINOS

- E como recebeu, Irmã, a sentença do Juiz Sousa Neto, mandando libertar Ronaldo e Antônio?

- Foi um choque muito grande para mim.

- E da volta deles à prisão?

A Superiora baixa um pouco a voz, ao responder:

- Meu filho, os homens podem vacilar, muitas vezes. Mas Deus não falha nunca.

Da parte dos homens, neste caso sobre o qual estamos conversando, muito ainda há a fazer. A simples volta dos implicados à prisão não significa muita coisa. Entretanto, pela Justiça divina, eles já foram julgados, não duvido!

E noutro tom:

- Todas, aqui no educandário, freiras e alunas, queremos que a verdade surja, integral, completa. Diariamente as alunas pedem à própria Aída Curi, cujo martírio é tão comovente, que ela mesma, de onde está, ajude aos que se acham aqui na terra a esclarecer toda a verdade. E eu tenho fé que um dia os implicados na sua morte serão abalados na sua consciência e os pormenores todos do episódio serão, por esse modo conhecidos.

#### FOI ALUNA MODELAR

- Quer isto dizer, Irmã, que a senhora acredita na inocência plena de Aída Curi, nada opondo à sua virtude e ao seu comportamento?

- No seu convívio conosco, durante nove anos, ela foi aluna modelo – isto diz tudo.

- A senhora falou em martírio. Tem isto algum sentido religioso?

## PERDEU A VIDA, MAS NÃO A VIRTUDE

Nossa interlocutora faz um gesto afirmativo com a cabeça, e conclui o seu depoimento:

- Deus pode tê-la escolhido, quem sabe? – para que, pelo sacrifício próprio, Aída Curi contribua para que maior cuidado e atenção se preste à educação da juventude. Se não fosse assim, se ela, na sua provação, não tivesse a assisti-la o próprio Deus, e N. Senhora, de quem era tão devota, como poderia ter resistido até a morte às sevícias de que foi vítima? Lembre-se bem: ela perdeu a vida, mas não perdeu a virtude!

Sáímos do colégio sob a mesma impressão de todos quantos veem no comportamento de Aída Curi o que ele tem de semelhante ao comportamento da camponezinha italiana, Maria Goretti, que também preferiu a morte à desonra. Maria Goretti, hoje se encontra no altar. Que verdade mais profunda haverá nas palavras de Irmã Maria, sobre a memória da menina que Ronaldo, Antônio e Cássio martirizaram? E até onde, Deus do céu, o dinheiro dos assassinos poderá contra a Justiça – ao menos a justiça dos homens?

Aguardemos a decisão dos magistrados brasileiros.

\*\*\*